

TERRITORIALIDADES  
**LGBTQIAP+**

# REFERÊNCIAS CULTURAIS MEMÓRIA

Realização

InstitutoPólis

repep

Apoio

 IPHAN INSTITUTO  
BRASILEIRO DE  
PATRIMÔNIO  
HISTÓRICO  
E ARTÍSTICO  
NACIONAL

# CASA DE APOIO BRENDA LEE



Quarto da Casa de Apoio, com Brenda Lee à direita.  
Fonte: Reprodução

## ENDEREÇO

R. Major Diogo, 779, Bela Vista, São Paulo

## DESCRIÇÃO

A Casa de Apoio Brenda Lee foi a primeira instituição de acolhimento e assistência a pessoas vivendo com HIV/Aids no Brasil. Foi fundada por Brenda Lee, mulher travesti, em sua própria pensão.

Brenda Lee, após viver da prostituição em São Paulo e em Paris, voltou ao Brasil buscando outra forma de renda. Comprou uma casa no Bixiga, centro de São Paulo, e a transformou em pensão que recebia travestis e mulheres trans, geralmente não aceitas em outros estabelecimentos. Logo, a pensão tornou-se abrigo de travestis e mulheres trans expulsas de suas casas, condição que Brenda conhecia bem. Durante a onda de assassinatos cometidos pela polícia com os **Rondões** de Wilson Richetti, principalmente com a **Operação Tarântula** de 1987, mais travestis e mulheres trans se abrigaram na pensão e a casa passou a ser conhecida como **Palácio das Princesas**.

No início dos anos 1980, com a epidemia de HIV/Aids ceifando vidas principalmente de mulheres trans e travestis profissionais do sexo e homens bi-homossexuais e sem pleno conhecimento das formas de prevenção e tratamento, o forte estigma fazia com essas pessoas fossem rejeitadas por suas famílias e pelos equipamentos de saúde que temiam a infecção. As travestis e mulheres trans que apresentavam os sintomas muitas vezes eram repelidas pelas suas iguais, como párias.

Brenda Lee abriu as portas de sua casa para essas pessoas abandonadas, acolhendo-as como podia, com cama, comida, conforto e medicamentos. Logo, passou a ser chamada de “mãe” ou “mãezona” por quem ali se abrigava. Como a demanda era imensa, buscava ajuda externa, sempre em contato com o Hospital Emílio Ribas para encaminhar os casos passíveis de internação, além de se apresentar em programas de televisão em busca de patrocínio. Em 1988, a Casa de Apoio Brenda Lee foi fundada formalmente e firmou convênio com a Secretaria do Estado de Saúde de São Paulo, que encaminhava pessoas vivendo com HIV/Aids para sua Casa. Em 1992, a Casa foi juridicamente instituída.



Brenda Lee ao lado da apresentadora Hebe Camargo. Fonte: Reprodução

Brenda Lee foi assassinada em 1996, vítima de um golpista que tentou falsificar um cheque emitido por ela. A Casa seguiu ainda por alguns anos sob administração dos funcionários do local.

A ativista deixou um importante legado de apoio e acolhimento. Segundo José Silvério Trevisan (2018), o sistema de combate ao HIV/ Aids que o Brasil possui, outrora considerado exemplar pela Organização Mundial de Saúde (OMS), foi possível graças à mobilização de pessoas que primeiro organizaram uma rede de assistência, como Brenda Lee. Sua vida e ações são retratadas no musical **Brenda Lee e o Palácio das Princesas** (2021), estreado com um elenco formado completamente por travestis, mulheres trans e outras pessoas trans. Até o momento (primeiro semestre de 2024), o musical já ganhou, em 2022, os prêmios Bibi Ferreira de melhor atriz revelação em musicais (Verónica Valenttino) e melhor roteiro (Fernanda Maia), o prêmio APCA de melhor espetáculo do ano e o prêmio Shell de melhor atriz (Verónica Valenttino), em 2023

### REFERÊNCIAS

Brenda Lee e o Palácio das Princesas. YouTube. **Revista da Cidade**. 24 jun. 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7Pyg5z7Fsic>> Acesso em 02 nov 2023

Brenda Lee e o seu “Palácio das Princesas”: A travesti que inaugurou o serviço de apoio aos homossexuais expulsos de casa e aos soropositivos. **Memórias e Histórias da Homossexualidade**. nov. 2020. Disponível em <<https://memoriamhb.blogspot.com/2009/11/brenda-lee-e-o-seu-palacio-das.html>> Acesso 01 nov 2023

MOURA, Dan. “Brenda Lee e o Palácio das Princesas”: Conheça o elenco do novo musical do Núcleo Experimental. Broadway Meme. Disponível em <<https://bm.art.br/brenda-lee-e-o-palacio-das-princesas-conheca-o-elenco-do-novo-musical-do-nucleo-experimental/>> Acesso em 22 abr 2024.

TREVISAN, José Silverio. **Devassos no paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro, Objetiva, 2018.

Palácio das Princesas Brenda Lee. Outros, Laboratório para outros urbanismos - FAUUSP. Disponível em <<http://outrosurbanismos.fau.usp.br/lugares-memoria-lgbt-sao-paulo/palacio-das-princesas-brenda-lee/>> Acesso 01 nov 2023

### OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Personalidades: Todes

Memória: Bixiga

Centralidade Histórica: Largo do Arouche

# CENTRO HISTÓRICO



Sylvetty Montilla na Boate Prohibidú's de Andréa de Mayo, 1996. Foto: Cláudia Guimarães.  
Fonte: Identidades Marginais.

## DESCRIÇÃO

É um conjunto de ruas, bares, cinemas e outros locais do centro de São Paulo que faz parte do circuito de encontro e sociabilidade, mas que, com o passar do tempo, se modificou e a maior parte dos estabelecimentos deixou de existir, seja por repressão, por medo da violência ou por condições econômicas. Esses lugares foram e são importantes para a vivência e expressão pública da diversidade sexual e de gênero, muitas vezes servindo de refúgio e lugar de referência para muitas pessoas.

Muitos desses locais não foram originalmente direcionados ao público LGBTQIAPN+, mas admitiam, até certo ponto, sua presença, desde que houvesse retorno econômico. Além disso, é preciso considerar que a LGBTfobia ocorria (e ainda ocorre) mesmo entre esse público, tendo em vista que não se trata de uma comunidade homogênea. Assim, alguns bares e boates, por exemplo, aceitavam a presença de homens gays, mas não de travestis e mulheres trans. Ou admitiam casais do mesmo gênero, mas não a troca de afetos. Alguns são locais públicos, como banheiros onde ocorrem trocas sexuais, ou em ruas da cidade, com trocas de olhares e possíveis encontros posteriores.

Todos esses locais contam a história da vivência LGBTQIAPN+ na cidade, passando pela repressão da ditadura cívico-militar, da sexualidade mais reprimida e restrita a áreas reservadas como poltronas dos fundos das salas de cinema ou os bancos de trás dos carros. É a passagem da clandestinidade à visibilidade, assim como das lutas, dificuldades e transformações. A grande maioria desses locais se concentra na região central ou na região da Av. Paulista e Jardins (ver ficha Memória: Av. Paulista e Jardins), mas não sua totalidade, de modo que alguns pontos da memória também se localizam em bairros a norte, leste, oeste e sul do centro.

## FOOTING NO CENTRO HISTÓRICO

O footing, ou trottoir, é uma prática histórica de sociabilidade que consiste, basicamente, em caminhar a pé, com ou sem companhia, e encontrar pessoas, conversar, ouvir novidades, etc. Era mais comum até o século XX, quando os meios de comunicação via celulares e internet ainda não existiam ou não eram populares. Em São Paulo, havia pontos de footing como na Praça da Luz e República, assim como nos extintos jardins do Anhangabaú. Para a população LGBTQIAPN+, no século XX, havia roteiros de footing conhecidos entre as ruas ao redor do Theatro Municipal, com homens circulando em meio a trocas de olhares e flertes, à procura de companhia. Havia dois roteiros utilizados com este fim, o chamado *grand tour*, formado pelas ruas Barão de Itapetininga, 24 de Maio e lateral do Theatro Municipal; e o *petit tour*, formado pelo quarteirão da Rua Sete de Abril (PERLONGHER, 1987; STEFFENS, 2016).

Segundo Antonio Bivar (1979 apud Perlongher, 1987), havia também o roteiro formado pela Rua Major Sertório, onde travestis e mulheres trans se concentravam, as avenidas Ipiranga e São Luís, Praça da República e Avenida Vieira de Carvalho. Em outras ruas deste perímetro também havia pontos conhecidos como a rua Rego Freitas e rua da Vitória, até hoje lugares de presença de travestis e mulheres trans e as “bichas populares” ou “pão com ovo” (PERGLONGHER, 1987, p. 87). Com o processo de gentrificação dos anos recentes esse perfil tem sido profundamente alterado.

## CINEMAS

Eram locais com práticas sexuais aproveitando de certa privacidade proporcionada pelos ambientes amplos e escuros das salas, ou mesmo nos banheiros e corredores, mas não necessariamente cinemas com exibição de filmes pornográficos.

O auge dos cinemas de rua em São Paulo foi entre as décadas de 1930 e 1960. Neste período, os cinemas atraíam todos os perfis de públicos pagantes e faziam parte do roteiro cotidiano de lazer da cidade. Enquanto algumas salas eram de construção modesta, outras ostentavam luxo através de acabamentos e esculturas de mármore em seu interior, grandes halls e novidades tecnológicas como ar-condicionado.

Enquanto que para o público pagante em geral, as salas de cinemas significavam principalmente a apreciação da sétima arte, para os LGBTQIAPN+ tais espaços eram dos poucos que possibilitavam também intimidade corpórea, já que não era comum que hotéis aceitassem o compartilhamento de quartos por pessoas do mesmo gênero.

Na década de 1970 esses estabelecimentos começaram a perder público para os cinemas de shoppings centers e para a televisão, que se popularizava. Enquanto muitos cinemas fecharam por falta de retorno econômico, outros mantiveram suas portas abertas exibindo filmes pornô, gênero que ainda atrai frequentadores. Os cinemas oferecem a vantagem do anonimato das salas escuras e, por isso, não são apenas frequentados por LGBTQIAPN+ , mas por todo tipo de pessoa, principalmente homens cis.

Dentre esses cinemas, destacamos:



### CINE METRÓPOLE

Na Galeria Metrópole, foi importante ponto de encontro LGBT-QIAPN+ durante as décadas de 1960 e 1970, e também para os admiradores de filmes cult, recebendo edições da Mostra Internacional de Cinema. Na década de 1990, com a queda do público de cinemas de rua, passou a exibir filmes pornográficos, mas fechou em 1996. Reformado, passou a receber eventos diversos. Seu último uso foi como boate gay para um público de maior poder aquisitivo.

Dentro da Galeria Metrópole, Av. São Luís, 187

### BARÃO

Dentro da Galeria Califórnia, obra de Oscar Niemeyer, se localiza no calçadão da rua Barão de Itapetininga e conta com um painel de Cândido Portinari. Está desativado desde a década de 1980.

### ART-PALÁCIO

Inaugurado em 1936 com projeto do arquiteto Rino Levi, o Art-Palácio foi um marco modernista no centro da cidade e por anos foi uma das maiores salas de cinema, com capacidade para até 3.119 pessoas. Localizado na Avenida São João, em frente ao Largo do Paissandú e ao lado do que viria a ser a Galeria do Rock (Grandes Galerias), o Art-Palácio funcionava como ponto de encontro e paquera em seu amplo hall de entrada. Na década de 1980 o cinema passou a exibir filmes pornográficos e contava também com profissionais do sexo, tanto mulheres trans e travestis quanto homens cis. Foi desapropriado em 2012 numa ação que fechou outras salas de cinema que exibiam filmes pornográficos, como o Cine Saci, mas está sem uso até hoje.

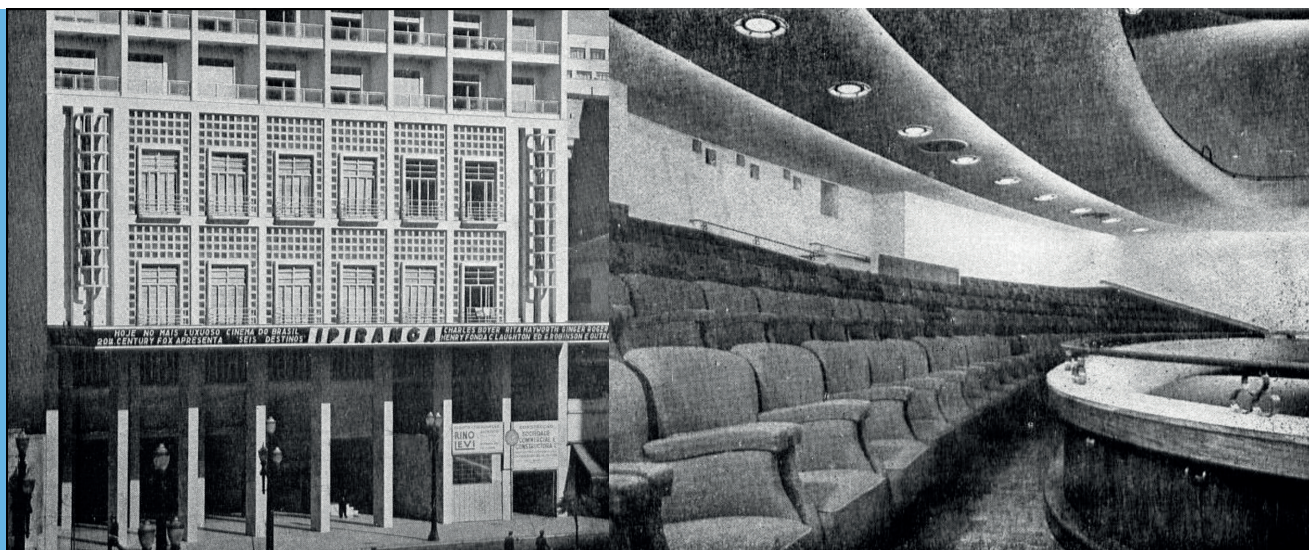


Fachada do Art Palácio.  
Fonte: Salas de cinema de São Paulo.

## IPIRANGA

Inaugurado em 1943, próximo à famosa esquina entre as ruas Ipiranga e São João. Encerrou as atividades em 2005. O local, porém, foi tombado pelos conselhos de preservação municipal e estadual, Conpresp e Condephaat, respectivamente, o que garantiu a manutenção de sua arquitetura modernista, projetada por Rino Levi, como exemplo do estilo de cinemas de rua do período. Há projeto de transformá-lo em um lugar para exibição de filmes geek.

**Av. São João, 786**



Fachada do Cine Ipiranga e sala de exibição durante o auge dos circuitos de cinemas em São Paulo, em 1943. Reprodução: Salas de cinema de São Paulo.

## MARABÁ

Inaugurado em 1944, é um dos poucos antigos cinemas a permanecer aberto. Foi reformado em 2009 após ser adquirido por uma grande rede de cinema que fez de uma única e ampla sala cinco salas menores. Sua programação foi alterada para se adequar ao perfil do público que circula na região. Atualmente, chama-se Marabá PlayArte Cinemas.

**Av. Ipiranga, 757**

## WINDSOR

Foi inaugurado em 1961. Em 1982, exibiu o primeiro filme com sexo explícito brasileiro, “Coisas Eróticas”, de Raffeale Rossi (1982). A mesma película foi exibida em 2012, no evento de fechamento do cinema, que fez programação especial e teve como convidados profissionais da “Boca do Lixo.” Era frequentado por homens mais velhos.

**Av. Ipiranga, 974**

## CINE CAIRO

Inaugurado em 1952, passou a exibir filmes pornôcs em 1985. Foi fechado em 2009 como parte das investidas da prefeitura em alterar a região do Vale do Anhangabaú. Sua fachada permanece como parte da Praça das Artes.

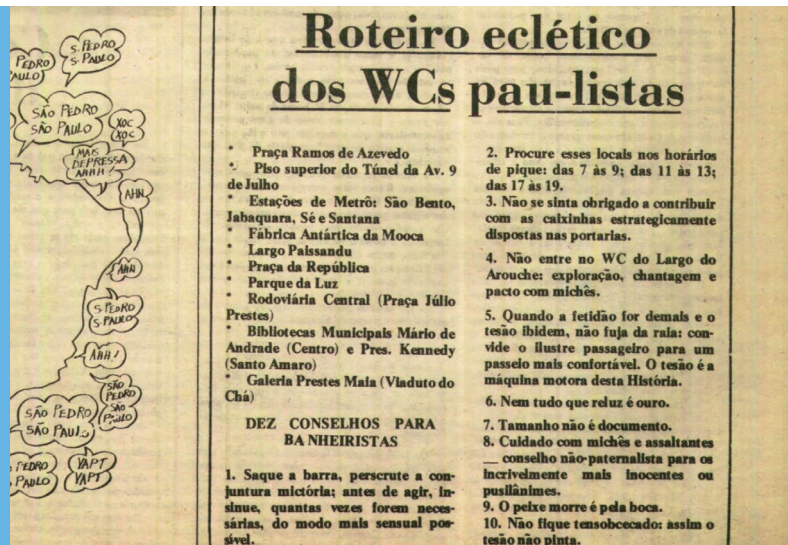
Rua Formosa, 401.



Divulgação de programação do Cine Cairo.  
Reprodução: São Paulo em Hi-Fi.

## BANHEIROS PÚBLICOS

Os banheiros estavam espalhados pelo centro da cidade até o final do século XX. Porém, a negligência do Estado com o espaço público fez com que fossem gradualmente sendo abandonados e desativados. Para o público LGBTQIAPN+, principalmente homens cis, eram locais de pegação e atividades sexuais. Vale lembrar que eram também espaços de troca de roupa e/ou montagem. Pessoas das periferias da cidade que se dirigiam aos pontos de encontro do centro, mas que não se sentiam seguras para atravessar a cidade montadas, carregavam roupas e maquiagens até encontrar um banheiro público na área central. As praças da República e Ramos de Azevedo, assim como os largos do Arouche e do Paissandu e a Galeria Prestes Maia, possuíam banheiros muito conhecidos e usados para atividades sexuais. Ainda hoje são espaços de uso múltiplo, seja em estabelecimentos privados, como shoppings centers, seja em estações de metrô e trem.



Lista de banheiros usados por homens para encontros e práticas sexuais.  
Fonte: Lampião da Esquina, 1980.

## BARES E BOATES

Locais que construíram e consolidaram o centro como região de frequência LGBTQIAPN+. Foram os primeiros espaços comerciais de sociabilidade e de encontros dessa população, com ou sem a vontade dos proprietários. Alguns desses espaços abrigaram as primeiras exposições artísticas de travestis e mulheres trans, transformistas e drag queens e enfrentaram as constantes investidas da repressão do Governo Militar.

Abaixo estão alguns desses espaços que fizeram história em São Paulo:

## VAL-IMPROVISO E VAL-SHOW

Bar e boate, tinha shows de travestis e mulheres trans e concurso dos homens cis mais bonitos, apresentados nus. Val Improviso era um inferninho com público muito variado. Parte deste público era formada por travestis e mulheres trans, profissionais do sexo e funcionários de outras boates após o término do expediente. Os shows começavam às cinco horas da manhã e não raro terminavam só ao meio-dia. Andreia de Mayo foi apresentadora de shows no Val-Improviso e, posteriormente, abriria sua própria boate.

Val-Improviso: Rua Marquês de Itu

Val-Show: Rua Frederico Steidel

**PROHIBIDU'S**

Boate de Andrea de Mayo, apresentava shows que marcaram as madrugadas paulistanas nos anos 1970 e 1980 em meio a garçons nus. Diferente de outros estabelecimentos LGBTQIAPN+, aceitava a entrada de travestis e mulheres trans. Era, aliás, uma boate constituída por uma travesti para as travestis e por isso era onde elas se sentiam mais à vontade. Quem frequentava dizia que era um inferninho onde tudo podia acontecer e por isso atraiu também público da cena underground paulistana. Andreia de Mayo, além de cafetina, foi uma das mais importantes personalidades da noite paulistana nos anos 1970 e 1980.

Rua Amaral Gurgel, 253

**MISTURA FINA**

Boate com pista de patinação.

Rua Major Sertório, 223

**J. B. DRINKS (ANTERIORMENTE CHAMADO LADY'S BAR)**

Frequentado por mulheres, apresentava música ao vivo de quinta-feira a domingo e possuía uma pequena pista de dança.

Rua Major Sertório, 684

**CACHAÇÃO E BEXIGUINHA**

Frequentados por mulheres, foram alvos do “Rondão” do delegado Wilson Richetti, que aprisionou LGBTQIAPN+ sob a justificativa de comportamentos imorais, durante a ditadura cívico-militar (1964-1985).

**CANTHO**

Encerrou as atividades em 2021, após 15 anos de atividade, em meio à crise de Covid-19. Era bem variado em público, faixa etária e estilo musical. Tocava música retrô e samba, o que não era muito comum em casas LGBTQIAPN+.

Largo do Arouche, 32, República

**DISCOTECA DINOSSAURUS**

Com preços mais elevados e instalações bem conservadas, possuía pista e fliperama. Segundo reportagem da edição 13 do jornal Lampion da Esquina, “a frequência é 100% homossexual, sendo que 70% é feminina”.

Rua Major Sertório, 223

**BARBAZUL E ARPÈGE**

Localizados na praça Dom José Gaspar, onde posteriormente foi construída também a Galeria Metròpole. Os bares voltados para a praça eram lugares estratégicos para o flerte que lá ocorria. Barbazul possuía mesas e era mais sofisticado. Já o Arpège se assemelhava mais a um bar, apenas com balcão.

### **PARIBAR**

Também na Praça Dom José Gaspar, foi ponto de encontro de intelectuais e pessoas das artes e cinema. O proprietário fechou o estabelecimento em 2022 alegando, além de problemas administrativos, o aumento da violência na região.

### **FEITIÇO'S**

Frequentado por mulheres, tinha música ao vivo com violão e cor-reio elegante. Ajudou a popularizar os bares para mulheres tipo “banquinho e violão”.

### **FERRO'S BAR (XINGU)**

Frequentado por mulheres, mesmo contra a vontade do proprietário. Entrou para a história por ter sido palco do que é considerado o Stonewall brasileiro, um ato de protesto contra a homofobia e a LGBTfobia em 1983 (Ver ficha Memória: Ferro's Bar).

### **MOUSTACHE**

Atrás do cemitério Consolação, era frequentado por mulheres com maior poder aquisitivo, muitas usando gravata, chapéu e fumando charutos. Como tantos outros estabelecimentos LGBTQIAPN+ durante a ditadura cívico-militar, foi atacado pelas operações do delegado Richetti, contudo, com um final diferente do esperado. Visto que as frequentadores eram “mulheres lindíssimas em um ambiente luxuoso” (Green; Quinalha, 2018: 135), o delegado pediu desculpas ao proprietário e se retirou, conta Marisa Fernandes.

### **HOMO SAPIENS (ABC BAILÃO)**

Inaugurada em 1978, foi um importante local de festas e shows com a participação de travestis e mulheres trans que funcionou até 1992. Posteriormente, em 1997, começou a funcionar o ABC Bailão, aberto até hoje e direcionado a homens mais velhos.

Rua Marquês de Itu, 182

## REFERÊNCIAS

ESTADO de São Paulo. Windsor: outro cinema fechado no centro de SP. Disponível em <[https://www.estadao.com.br/sao-paulo/windsor-outro-cinema-fechado-no-centro-de-sp-imp-/  
<a href="https://www.estadao.com.br/sao-paulo/windsor-outro-cinema-fechado-no-centro-de-sp-imp-/">https://www.estadao.com.br/sao-paulo/windsor-outro-cinema-fechado-no-centro-de-sp-imp-/  
>](https://www.estadao.com.br/sao-paulo/windsor-outro-cinema-fechado-no-centro-de-sp-imp-/)> Acesso em 17 nov 2023

FELITTI, Chico. As rainhas da noite. As travestis que tinham São Paulo a seus pés. São Paulo: Cia. das Letras, 2022.

\_\_\_\_\_. É o fim do mundo para alguns baladeiros: fechou a Nostromondo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/02/1408677-nostromondo-primeira-boate-gay-do-brasil-fecha-as-portas-apos-43-anos.shtml>> Acesso em 17 nov 2023

GREEN, James. QUINALHA, Renan (org.) Ditadura e Homossexualidade: representação, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCAR, 2018.

LAMPIÃO da Esquina. Richetti volta às ruas. Esquina. N.35, 31 dez 1980

PALOMINO, Erika. Histórias de um underground brasileiro. **Folha de São Paulo**, Ilustrada. 19/5/2000. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1905200034.htm>> Acesso em 19 jan 2024

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo, Brasiliense.

QUINTERO, B.; TOURINHO, A. de O. Lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo entre as décadas de 1930 e 2010. Revista CPC, [S. l.], v. 18, n. 35, p. 39-68, 2023. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v18i35p39-68. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/192851>>. Acesso em 19 jan 2024.

ROMANI, André. Os motivos para escassez de banheiros públicos em SP. Jornal da USP. 03 abr. 2018. Disponível em <<https://jornal.usp.br/atualidades/os-motivos-para-escassez-de-banheiros-publicos-em-sp/>> Acesso em 17 nov 2023

Rosa, A. J; VALLERINE, A; FÁBIO, C. A.; FRANÇA, D. S. N. Cinemas pornôis da cidade de São Paulo, Ponto Urbe [Online], 3 | 2008, posto online no dia 30 julho 2014. Disponível em <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1785>> Acesso em 8 jan 2024

ROTEIRO Eclético dos WCs pau-listas. Lampião da Esquina. Ano 3, N. 31, dez 1980, p.5

SORIANO, Antonio Ricardo. **Blog Salas de cinema de São Paulo: resgate histórico dos cinemas de São Paulo**. Disponível em <<http://www.cinemasdesp.com.br/>> Acesso em 8 jan 2024

STEFFEN, Luffe. Do footing aos afters: vem com a gente fazer uma viagem pela noite gay de São Paulo nos últimos 100 anos. Uol, Música Non Stop. 6/6/2017. Disponível em <<https://musicnonstop.uol.com.br/uma-viagem-pela-cena-noturna-lgbt-de-sao-paulo-nos-ultimos-100-anos/>> Acesso em 19 jan 2024

UM roteiro para mulheres. O Lampião da Esquina. Ano 2, ed. 13. Jun 1979, p. 5

## OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Centralidade Histórica: República

Centralidade Histórica: Largo do Arouche

Centralidade Histórica: Theatro Municipal

Centralidade Histórica: Bixiga

Memória: Ferro's Bar

Memória: Casa de Apoio Brenda Lee

# FERRO'S BAR



Durante a "Invasão do Ferro's Bar", Rosely Roth discursa no interior do bar para impedir o fim da circulação do boletim ChanacomChana. Acervo Folha de São Paulo  
Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo/ Reprodução Memorial da Resistência



## ENDEREÇO

Rua Martinho Prado, 119. Bela Vista, Centro

## DESCRIÇÃO

O Ferro's Bar foi inaugurado no centro de São Paulo em 1961, momento em que estabelecimentos semelhantes surgiram nesta região da cidade. A partir de 1967, passou a ser frequentado por mulheres lésbicas e bissexuais à noite e virou um ponto famoso de encontros e discussões políticas. A rua Martinho Prado, aliás, abrigava outros bares que recebiam mulheres lésbicas como o Bixiguinha, Cachação e Último Tango. No Ferro's Bar, essa ocupação ocorria a despeito dos desejos dos proprietários, que suportavam-nas apenas pelo retorno financeiro.

Nesse momento o Brasil já passava pela ditadura cívico-militar, cujo alvo das violências e abusos era justamente a população LGBTQIAPN+ - ou homossexual, como se dizia na época. Em São Paulo, já nos últimos anos dos governos militares, a delegacia Seccional do Centro era chefiada pelo infame José Wilson Richetti que comandou operações de repressão contra grupos minoritários do centro, como prostitutas, travestis e mulheres trans, homossexuais (homens gays e mulheres lésbicas) e qualquer pessoa que parecesse suspeita, normalmente negras. Em 15 de novembro de 1980, um desses **Rondões**, como eram chamados, alcunhado de **Operação Sapatão**, mirou em bares e pontos de encontro de mulheres lésbicas e bissexuais, como o Bixiguinha e o Cachação, além do Ferro's Bar. Cerca de 200 mulheres foram presas em cela sob o pretexto de “ser sapatão”. Foram depois soltas, mas não sem antes pagar pela liberdade e serem fichadas.

Em meio à repressão, o movimento lésbico reagia dividindo-se entre as ações e debates políticos e a liberdade, o lazer e a sociabilidade. As ativistas do GALF (Grupo de Ação Lésbica Feminista) desde 1983 editavam o boletim lésbico-feminista **ChanacomChana**, e vendidos nos principais pontos de encontros das mulheres, sendo o Ferro's Bar um destes pontos. Em 23 de julho de 1983, o dono do bar impediu a venda do boletim e mandou expulsar as ativistas do GALF. O relato da jornalista Vanda Frias, integrante do GALF detalha o ocorrido:

Todos os sábados, quando íamos vender o boletim Chanacom-Chana no Ferro's éramos agredidas pelo porteiro – com ameaças ou com puxões de braço para que nos retirássemos. Até que no dia 23 de julho último, a barra pesou mais: um dos donos do bar, seu segurança e seu porteiro tentaram concretizar a expulsão, através de agressões físicas. Enquanto nos puxavam para o lado de fora, parte das lésbicas – que compram o boletim e conversam com as moçoilas do GALF - nos segurava lá dentro. Belo corpo-a-corpo: dos que têm a força da ordem e da

lei contra as que ganharam no dia a dia uma força física e interior para poder viver numa sociedade onde a regra é ser heterossexual. Quem foge desse padrão é pervertida(o), louca(o), imatura(o) sexualmente e definitivamente não merece compartilhar das benesses desse paraíso terrestre. (Martinho, 2022)

As agressões somente fortaleceram o grupo, que se organizou para deixar claro seu repúdio contra os proprietários do bar. Em 19 de agosto de 1983, aconteceu o ato político que ficou conhecido como o Movimento ou Levante do Ferro's Bar, ou o Stonewall Brasileiro, em referência à rebelião de pessoas LGBTQIAPN+ contra policiais de Nova York, Estados Unidos, em 1969.

O GALF havia previamente contatado uma advogada, outros grupos organizados, políticos e parlamentares para ajudar na pressão contra o estabelecimento. No dia, acompanhadas da imprensa, homens do **Outra Coisa Ação Homossexulista** distribuíam panfletos na porta do bar, denunciando as agressões cometidas contra as mulheres do grupo. O porteiro tentou barrar a entrada das mulheres ativistas, mas parte dos manifestantes (mulheres e homens, ativistas e parlamentares) já haviam adentrado no recinto e começaram a gritar. Quando finalmente conseguiram afastar o porteiro e abrir a porta, as mulheres do GALF tomaram o recinto e Rosely Roth, representando o grupo, subiu numa cadeira e fez seu discurso denunciando as atitudes autoritárias do bar e chamando o dono para dar sua palavra. Este finalmente apareceu e, diante da imprensa, comunicou que as mulheres do GALF poderiam vender e distribuir seus materiais com liberdade e segurança. O ato foi divulgado pelos jornais Folha de São Paulo e Notícias Populares e o bar recebeu moção de repúdio pela deputada Irede Cardoso (PT), que estava também no ato e foi importante na articulação com o dono do bar.

O dia 19 de agosto hoje é celebrado como o **Dia Nacional da Visibilidade Lésbica** em homenagem a esse ato e também uma homenagem à Rosely Roth. Esta ativista representou não somente o GALF como também foi a voz de muitas mulheres feministas, lésbicas e bissexuais que não queriam ou não podiam se expressar ou mostrar o rosto por medo de represálias.

O bar fechou as portas em 2000, já em outro momento da cena LGBTQIAPN+ paulistana. Alguns anos depois foi aberta a casa noturna Xingu, de frequência dessa população, mas teve pouco tempo de vida. Atualmente se tornou uma área de descanso dos funcionários dos restaurantes da Rua Avanhandava. O relatório da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva", de 2015, recomendou que o local fosse resguardado como espaço de memória LGBT. Porém, nada foi feito.

## REFERÊNCIAS

LUCCA, Bruno. Levante do Ferro's Bar, o Stonewall brasileiro, completa 40 anos. Folha de São Paulo, Cotidiano. 18/8/2023. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/08/levante-do-ferros-bar-o-stonewall-brasileiro-completa-40-anos.shtml>> Acesso em 21 mar 2024

NITO, Mariana Kimie. **Inventário participativo Arouche LGBTQIA+**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <[www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036](http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036) > Acesso em 24 out 2023.

SAO PAULO. Relatório-Tomo I-Parte II - Grupos Sociais e Movimentos Perseguidos ou Atingidos Pela Ditadura. **Comissão da Verdade do Estado de São Paulo** “Rubens Paiva”. São Paulo, 2015.

UM Outro Olhar. Orgulho Lésbico: o happening político do Ferro's Bar (edição 2022). Um Outro Olhar. 25/6/2022. Disponível em <<https://www.umoutroolhar.com.br/2022/06/orgulho-lesbico-o-happening-politico-do.html>> Acesso em 21 mar 2024

## OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Personalidades: Todes

Ativismo: Marchas e Datas

Formas de Expressão: Publicações marginais

Centralidade Histórica: Largo do Arouche

Centralidade Histórica: Baixo Augusta

# REGIÃO JARDINS



Boate Nostro Mondo em cena do documentário São Paulo em Hi-Fi (2016)

## DESCRIÇÃO

A região sudoeste é um dos centros de referência LGBTQIAPN+, juntamente com o centro histórico da cidade. Ainda que existam muitos outros pontos de memória fora destas duas centralidades, a concentração de espaços no sudoeste e no centro se destacam na memória da cidade.

A região sudoeste da cidade, e a Avenida Paulista, começaram a ser ocupadas no contexto da contracultura e das articulações pela abertura política, entre as décadas de 1970 e 1980, quando a população LGBTQIAPN+ começava a ocupar mais as ruas, motivada também por figuras populares como Ney Matogrosso e Dzi Croquettes (Perlongher, 1987).

Em 1971, por exemplo, a inauguração do restaurante e casa de shows **Medieval**, na rua Augusta, próximo à avenida Paulista, em uma área vibrante da cidade, com lojas de roupas e discos. A Medieval foi um centro da noite paulistana e seus frequentadores desfilavam pela rua exibindo vestimentas extravagantes. A noite era marcada pelos shows protagonizados por travestis e mulheres trans e por transformistas, e atraía tanto o público LGBTQIAPN+ quanto celebridades héteros da televisão. A união de públicos diversos no mesmo espaço, contudo, não era sinal de ampla diversidade social. Travestis e mulheres trans eram trabalhadoras, seja no palco, seja no piso servindo bebidas. Elas, aliás, eram barradas em muitos outros estabelecimentos com frequência de homossexuais ou bissexuais, especialmente homens cis. Foi para acolher essas mulheres que uma travesti, Condessa Mônica, inaugurou a **Nostro Mondo**, na esquina da Avenida Paulista com a Rua da Consolação, uma versão mais popular da Medieval.

Após esse período, a partir da década de 90, a região da Consolação com a Paulista passou a abrigar muitas casas direcionadas a LGBTQIAPN+ que se tornaram referência na noite paulistana, atraindo públicos muitos diversos. Nesse período, o trajeto dessa esquina até as ruas Franca e Lorena se tornou um ponto de encontro tão popular que as noites de sexta-feira e sábado chegavam a receber centenas de pessoas nas ruas, dificultando a circulação de automóveis. Havia boates, como o Massivo, a Disco, a Moon, e posteriormente a Ultralounge e a SoGo, e bares como o Director's Gourmet, o Allegro e o Bar du Bocage. Nessa época floresceu a cena drag que se tornou famosas artistas que se apresentavam em boates da região, como Divina Núbia, Léia Bastos, Marcelona, Nany People e Victor Piercing. As opções iam das mais caras às mais acessíveis, mas muitas pessoas permaneciam nas ruas bebendo e conversando a madrugada inteira. Apesar de ter um foco em música eletrônica, havia bares de música ao vivo, com MPB e bares de jukebox, como o Burger & Beer, na Consolação. O circuito era ainda formado por

uma passada na Galeria Ouro Fino, com lojas de roupas e discos frequentadas por clubber e cybermanos, e os cinemas Cinesesc, Belas Artes, Espaço Unibanco e Astor (posteriormente uma unidade da Livraria Cultura no Conjunto Nacional) que recebiam sessões da Mostra Internacional e do Festival Mix Brasil. A frequência de públicos diversos, como no **Massivo** e na **Nation**, unia gays, lésbicas, bissexuais e héteros em sua pista, tornando bastante permeável a divisão entre casas exclusivamente “GLS”.

Nesse burburinho também se encontrava uma série de outros estabelecimentos e serviços direcionados a ou utilizados por LGBTQIAPN+ como as livrarias Futuro Infinito e Belas Artes, um sex shop com espaço de cabines com glory holes (até hoje em funcionamento), cafés e restaurantes. A circulação de pessoas era tão grande que boates e bares do centro, como a Sensation, o Vermont e o Rainha Vitória, do Bixiga, como a Diesel/B.A.S.E e a Tunnel, da Barra Funda, como a Anjo Azul/Blue Space, de Moema, como a Mad Queen, e do Itaim Bibi, como a Lov.e, enviavam seus promoters para distribuir flyers com descontos na entrada ou consumação.

Essa região teve, e ainda tem, papel importante na forma como a sociedade vê a diversidade sexual e de gênero, mas já naquela época era apontado como havia divisões simbólicas sócio-territoriais entre essa área e a região central. Ainda assim, na primeira década dos anos 2000 uma série de ações fez com que todos os estabelecimentos encerrassem as atividades e seus empresários fossem para outras áreas, como o Baixo Augusta e a Lapa. A articulação entre poder público e grupos de moradores impulsionou o esvaziamento das ruas, bem como a violência, com ataques constantes de LGBTfobia. Hoje o único resquício dessa área de sociabilidade é o sex shop ainda em funcionamento.

## NOSTRO MONDO

Da Condessa Mônica, foi a boate LGBTQIAPN+ com maior longevidade em atividade ininterrupta, inaugurada em 1971 e fechada em 2014. Foi um dos lugares mais famosos da noite paulistana, com shows de transformistas, de travestis e mulheres trans e de gogo boys, esbanjando glamour e sensualidade. Com a fama, passou a ser frequentado também por celebridades do mundo da televisão e da moda que se misturavam em meio às artistas da casa.

### **MASSIVO**

Casa clubber da Alameda Itu, com público variado e presença de celebridades, a exemplo do que ocorria na Medieval. Inaugurada em 1991 pelo DJ Mauro Borges e por Bebete Indarte, encerrou as atividades em 2002 e foi a primeira casa abertamente “GLS” (Gays, Lésbicas e Simpatizantes, como se dizia na época) no Jardins. Depois dela, outras abriram como a Ultralounge, na Rua da Consolação, e So-Go e Director’s Gourmet, na Alameda Franca, que também já fecharam.

### **BAR DU BOCAGE**

Era um bar pequeno com área de mesas nas calçadas, incluindo uma área elevada na esquina da Alameda Itu e da Rua da Consolação, disputada por permitir observar toda a movimentação da região. Dos bares da região, era um dos mais acessíveis e, após a compra do imóvel, e dos imóveis vizinhos, por uma incorporadora que o demoliu, passou a funcionar na mesma rua, na esquina com a Avenida Rebouças. O fechamento definitivo veio após muitas situações de violência LGBTfóbica.

### **MEDIEVAL**

Inaugurada em 1971 na Rua Augusta, é considerada a primeira casa de shows abertamente gay e apresentava shows com travestis e transformistas. Era um lugar chique, frequentado por ricos e famosos e que atraía pessoas e curiosos para assistir os frequentadores chegando e desfilando em vestimentas espetaculares, parando o trânsito como quando a atriz Wilza Carla chegou na boate montada em um elefante.

Os proprietários, o casal Elisa Mascaro e Fernando Simões, empregavam as travestis e mulheres trans com carteira assinada, o que era incomum nessa época. Contudo, a diversidade era ceifada. Segundo o jornalista Chico Felitti,

“A comunidade T está só no palco, cantando, dançando e dublando, em espetáculos musicais que imitam a Broadway e que exigem meses de ensaio para ficarem prontos. As travestis estão para servir diversão à elite liberal da época.”

e continua:

“A Medieval é moderna e liberal (...) mas a modernidade tem limite. Putas do centro não são bem vindas”.  
(FELITTI, 2022: 31-33)

### **CORINTHO**

Da mesma empresária do Hi-Fi e da Medieval, Elisa Mascaro, era ainda maior que esta última. Inaugurou em 1985 em Moema e se tornou um palácio da noite, com grandes shows e festas. As pessoas e as festas eram tantas que a pegação ocorria também nas ruas próximas. Fechou em 1993.

### **BOITE OFF E ESPAÇO OFF**

Administrada por Celso Curi, jornalista que escrevia na primeira coluna gay do Brasil, a Coluna do Meio, no jornal Última Hora. Abriu em 1979 e em 1986, Curi o transformou em espaço teatral. Ficava na Rua Romilda Gabriel, Itaim Bibi.

### **AUTORAMA DO PARQUE IBIRAPUERA**

Era uma área externa de estacionamento do Parque Ibirapuera localizado na Avenida Pedro Álvares Cabral na altura do edifício da Bienal. Era frequentado por LGBTQIAPN+, principalmente homens cis, à noite. Os frequentadores estacionavam seus carros e para socializar com amigos e conhecer novas pessoas, como num ambiente de bar ou boate, já que ocorria também comercialização de bebidas e músicas eram tocadas nos carros. Era também um espaço de pegação. Esta era uma das poucas áreas públicas em que esses encontros eram tolerados e também um dos raros lugares em que a permanência não era aceita mediante consumo, como bares e boates, sendo mais acessível à população.

Por conta de reclamações dos vizinhos e do Conselho de Segurança Comunitária (Conseg), de sujeira, baderna, mau-cheiro e consumo de entorpecentes (Christiano, 2010), era constantemente visto-riado pela Polícia Militar o que causava reclamações de truculência e LGBTfobia por parte dos frequentadores. O Autorama foi fechado pela Prefeitura em 2013. Segundo Vitor Ângelo, colunista da coluna Blogay, no fundo “existe um fardo pesado de uma certa pressão moralista pelo espaço ser da comunidade de gays, transgêneros, bissexuais e lésbicas.” (Ângelo, 2015).





Foto do extinto Autorama, no Parque do Ibirapuera.  
Reprodução Folha de São Paulo, 2015

## REFERÊNCIAS

ÂNGELO, Vitor. Militantes LGBTs pedem a reabertura de Autorama, no Parque Ibirapuera. Folha de São Paulo, caderno Blogay. 29 jul 2015. Disponível em <<https://blogay.blogfolha.uol.com.br/2015/07/29/militantes-lgbts-pedem-a-abertura-de-autorama/>> Acesso em 02 dez 2023

CHRISTIANO, Cristina. Gays reclamam de ações da polícia no Autorama do Ibirapuera. Extra. 15 out 2007. Disponível em <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/gays-reclamam-de-acoes-da-policia-no-autorama-do-ibirapuera-723829.html>> Acesso em 02 dez 2023

FELITTI, Chico. As rainhas da noite: as travestis que tinham São Paulo a seus pés. São Paulo: Cia. das Letras, 2022.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. O negócio do michê, a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Uma viagem pela cena noturna LGBT de São Paulo nos últimos 100 anos. Portal Uol. Disponível em <<https://musicnonstop.uol.com.br/uma-viagem-pela-cena-noturna-lgbt-de-sao-paulo-nos-ultimos-100-anos/>> Acesso em 28 nov 2023

ARAM, André. Andre de Mayo, a empresária que nos anos 70 e 80 dominou a noite underground. Blogay. 4 mai 2021. Disponível em <<https://gay.blog.br/trans/andrea-de-mayo-a-empresaria-que-nos-anos-70-e-80-que-dominou-a-noite-underground/>> Acesso em 4 dez 2023

Quintero, B., & Tourinho, A. de O. (2023). Lugares de sociabilidade LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo entre as décadas de 1930 e 2010. Revista CPC, 18(35), 39-68. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v18i35p39-68>

SÃO PAULO em Hi Fi. Direção: Lufe Steffen. Brasil, 2016. DVD.

## OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Memória: Centro Histórico

Centralidade Histórica: Baixo Augusta

Festas: Parada LGBTQI+